

# GLOBALIZAÇÃO E FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES DIGITAIS

Vilson J. Leffa, UCPel

## INTRODUÇÃO

A globalização pode ser definida como um processo que se caracteriza pela livre movimentação de capital, bens, serviços e trabalho por diferentes países do mundo. Na sua essência, envolve aspectos ideológicos, econômicos e tecnológicos e sua complexidade está na interação desses três elementos básicos.

Ideologicamente, a globalização pode ser vista de várias perspectivas e, neste caso, nada parece ser menos globalizado do que a própria percepção de globalização. Para alguns, globalização significa simplesmente uma combinação saudável entre democracia e livre mercado, com desregulamentação da economia e retração do papel do estado. A idéia é de que o livre mercado estimula a criatividade e gera a prosperidade. Nesta visão otimista do mundo globalizado, as estatísticas são usadas para mostrar que os pobres estão ficando menos pobres e vivendo mais do que viviam antes.

Para outros, no entanto, globalização significa a dominação dos países centrais, principalmente dos Estados Unidos e dos países da União Européia. Para essas pessoas, o que está ocorrendo não é um processo de globalização, mas de americanização e McDonaldização do mundo.

Nem nós, nem a humanidade em geral, nem mesmo Deus pode aceitar a

globalização que nos está sendo imposta pelo onipotente mercado global que exclui a grande maioria da humanidade e destrói o ambiente (Pedro Casaldáliga).

Do ponto de vista econômico, globalização significa a desterritorialização das empresas, que deixam de ser argentinas ou brasileiras, ou mesmo alemãs ou americanas, para serem todas multinacionais. Exemplos recentes são as fusões da Mercedes com a Chrysler, da Volvo com a Ford, ou dos bancos brasileiros com os espanhóis.

Mas é na tecnologia que parece estar o fator mais importante da globalização, principalmente pela fusão do computador com o satélite, facilitando as telecomunicações e transformando o mundo numa comunidade digital. A tecnologia não só tornou possível o contato entre empresas de diferentes países, mas também possibilitou a interação de milhões de indivíduos com milhões de outros indivíduos. Não apenas tornou a comunicação viável, mas, o que é mais importante, tornou-a *economicamente* viável. Isso foi possível porque a tecnologia realizou a proeza de ter chegado ao bit, ao dígito binário, que é a unidade mínima de informação.

Mostrar, ainda que resumidamente, o impacto dessa tecnologia na globalização e na transformação das comunidades tradicionais em comunidades digitais é o objetivo deste trabalho.

## O FIM DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS

No momento em que as fronteiras que dividem as comunidades deixam de ser geográficas

para serem ocupacionais, isto é, baseadas na formação de grupos com interesses comuns, tanto profissionais como de lazer, o modelo tradicional de comunidade, baseado na identidade local, incluindo a cultura e a própria língua, fica ameaçado de extinção.

Na comunidade tradicional, a interação entre as pessoas é limitada mais pelas fronteiras geográficas do que pelas fronteiras ocupacionais: o médico da aldeia interage muitos mais com os habitantes ao seu redor, de diferentes áreas de interesse, do que com os colegas de sua profissão.

A definição da comunidade tradicional pode abranger diferentes limites geográficos, desde os horizontes restritos da aldeia ou do bairro da cidade até as regiões que formam um país ou o próprio país.

A percepção que os indivíduos têm de sua própria comunidade, ou das outras, são muitas vezes baseadas em estereótipos, e passados como verdades universais e não questionadas.

São as frases do tipo “O brasileiro é naturalmente solidário”, “O inglês é fleumático” ou “O italiano é um conquistador nato”. Podem envolver atribuição de identidade positiva (“O paulista é trabalhador”) ou negativa (“O baiano é preguiçoso”). (Para um estudo interessante sobre essa questão da atribuição de identidade regional, recomenda-se Penna, 1998).

No mundo globalizado, a extinção, aparentemente inevitável das comunidades geográficas, em que pese ainda algumas guerras por questões de fronteira, religião ou ideologia, pode levar a duas situações diferentes: a uma espécie de grande comunidade universal, feita da

contribuição de todos ou ao globalismo imposto pelos países centrais, por sua vez, baseado nos interesses econômicos, que privilegiam a uniformidade sobre a diversidade:

[Com a globalização] as possibilidades de comunicação e compreensão entre as pessoas se multiplicam. Ao mesmo tempo, a uniformização significa a destruição de culturas e de modos de vida. É óbvio que a integração econômica promove a uniformidade em vez da diversidade (Baudot, 1997, p. 51).

O resultado desse globalismo, segundo muitos críticos, é uma disseminação cada vez maior dos valores que caracterizam os países que detêm o poder. Não se trata de uma globalização no sentido exato da palavra, mas de uma americanização do mundo, que rapidamente passa a consumir hamburgers e coca-cola, a assistir filmes feitos em Hollywood e a ter seus lares invadidos por transmissões via satélite oriundas dos Estados Unidos — com o gradual definhamento e perda total da identidade nacional.

Outro fator agravante do globalismo é a exclusividade da língua inglesa nas transações internacionais, o que acaba impondo não só os aspectos formais da língua, como o léxico e a sintaxe, mas também as significações, a cultura e os valores de outros países. Não se trata aqui da dicotomia tradicional entre leste e oeste, norte e sul ou primeiro e terceiro mundo, mas de uma dicotomia nova, baseada no uso da língua inglesa em oposição às outras línguas. Pode envolver tanto países periféricos como os países centrais. A França e o Japão, por exemplo, estão entre os que parecem se ressentir mais da necessidade do uso do inglês.

A argumentação é de que um falante de inglês como língua estrangeira, diante de um falante

nativo do inglês, fica automaticamente colocado numa posição de inferioridade, pela assimetria que se estabelece na interação. Enquanto que na língua materna dizemos o que queremos, na língua estrangeira, dizemos o que podemos (Jankov, 1999).

A assimetria, no entanto, não é causada apenas pela falta de proficiência na língua estrangeira, mas também pelos recursos usados pelo falante nativo para tirar proveito da situação. Vejamos alguns depoimentos de um e outro caso. Os exemplos abaixo, de falantes de língua francesa, mostram os problemas da falta de proficiência:

Eu penso, eu vivo, eu amo e eu ... critico em francês. É nesta língua que eu faço as reflexões mais sofisticadas, mais refinadas que eu consigo produzir. Escrever em inglês significa enfraquecer, mediocrizar meu trabalho. Pela simples razão que a língua da verdadeira criação é a língua materna (Gouin, 1998).

A interiorização das normas socioculturais correspondentes a uma língua não materna só começa após uma imersão lingüística prolongada e, provavelmente, nunca se faz completamente. (...) Quando se fala uma língua que não se sente, expõe-se à incompreensão, não somente no plano lingüístico, mas também no plano humano (Féal, 1990, p. 26).

A assimetria causada pela falta de proficiência na língua pode ainda ser agravada pelos recursos usados por parte do falante nativo, que se ancora na superioridade de sua competência lingüística para sobrepujar o interlocutor. O exemplo abaixo é de um falante japonês:

Há uma grande diferença no conhecimento operacional de inglês entre falantes nativos e não-nativos, principalmente com aqueles falantes cuja língua materna está lingüisticamente distante do inglês. Por isso, os falantes nativos de inglês intencionalmente excluem os não-nativos dos debates usando táticas baseadas em traços fonéticos, idiomáticos, sintáticos e pragmáticos exclusivos da língua inglesa. (...) Aceleram a fala, usam gíria e expressões idiomáticas ou escolhem enunciados gramaticalmente complexos. (...) Essas táticas comunicativas são usadas

para tirar vantagem da proficiência menor dos falantes não-nativos de inglês (Takahashi, 1991, p.188-189).

A desqualificação do outro e o conseqüente rebaixamento do falante estrangeiro à condição de cidadão de segunda categoria podem também ser causados por relações assimétricas que estão além do componente lingüístico. O fluxo das idéias entre falantes de diferentes países não se dá de modo interativo, mas unilateral. As informações, o conhecimento e as pesquisas inovadoras partem sempre do centro para a periferia, que a tudo absorve passivamente. O depoimento abaixo ilustra como isso pode acontecer:

Recentemente, estive num colóquio internacional de ciências sociais, promovido em nosso país [Brasil] por notável pesquisador. O organizador tentou pôr em contato os participantes nacionais e estrangeiros. Mas estes últimos, apesar de haver tradução simultânea, mal apareciam para ver a prata da casa. Socializavam-se entre si, em mais um território exótico. Aos brasileiros, cabia ouvi-los, comentá-los, admirá-los, levá-los para comer e ver o nosso pitoresco país (Ribeiro, 1999, p. 10).

A desqualificação do outro pela imposição de uma língua e cultura únicas está alicerçada na idéia de que o indivíduo no mundo globalizado perdeu as opções de escolha. É obrigado a comer o que todos comem, ver o que todos vêem, pensar o que todos pensam, a viver, em suma, uma vida padronizada, igual a de todos, única sancionada pela comunidade global.

Em benefício da padronização, muitos são ainda obrigados a apagar sua própria identidade, renegando sua língua e sua cultura, para que possam ficar igual aos outros.

Essa visão homogeneizante do mundo pode ser, no entanto, contraposta por uma outra: a visão de que no mundo globalizado o sujeito está exposto a uma diversidade de experiências sem precedentes na história da civilização. A interação entre pessoas de

mundos diferentes não se dá apenas por representação, quer seja através de grupos de interesses, de sociedades privadas, ou do próprio estado, mas dá-se através da participação do próprio indivíduo, interagindo diretamente com outros indivíduos, sem qualquer tipo de barreira, quer seja geográfica ou temporal.

Com a queda dessas barreiras, o problema, pelo contrário, não é mais a falta de opções mas o seu excesso. As escolhas, tanto de tópico específico de interesse, como de interlocutores, são tantas que deixam de ser apenas um direito para se tornarem uma obrigação: é preciso aprender seriamente a selecionar, sob o risco de ficar soterrado pela informação.

A grande mudança introduzida pela globalização envolve a substituição da comunidade tradicional pela comunidade digital. A grande diferença entre uma e outra é que na comunidade tradicional as fronteiras são mais geográficas do que ocupacionais: o lugar em que a pessoa mora é mais importante do que a atividade que ela exerce para definir a comunidade a que ela pertence. No caso extremo da aldeia, o único médico existente não pertence à comunidade ocupacional dos médicos, mas à comunidade geográfica da aldeia. À medida em que o mundo foi se globalizando, no entanto, as fronteiras que definem a comunidade foram se invertendo e ficando mais ocupacionais do que geográficas. Hoje, o pediatra, que mora num bairro e trabalha em três lugares diferentes, pertence mais à comunidade dos pediatras do que a do bairro. Muitas pessoas, de diferentes ocupações, interagem muito mais intensamente com colegas de outras cidades e até de outros países do

que com o vizinho do lado de seu apartamento.

Para entender como se chegou a essa comunidade ocupacional é preciso conhecer a tecnologia que a viabilizou, baseada na substituição do átomo pelo bit. É o que veremos a seguir.

## AS COMUNIDADES DIGITAIS

Pode-se dizer que a ciência é a busca do indivisível, da miragem da partícula mínima que paira além da molécula, do átomo e das cadeias de DNA. A única área em que se conseguiu chegar a essa partícula mínima foi na informática, talvez justamente por não se ter chegado a ela mas por se ter partido dela, já que a ciência da computação foi construída de modo ascendente a partir do bit.

O bit, como unidade mínima de informação, permite apenas dois estados opostos: ligado ou desligado. Esses dois estados podem ser representados de várias maneiras no mundo que nos cerca, desde que seja possível construir uma oposição binária, incluindo, por exemplo, estados como perfurado ou não-perfurado, aberto ou fechado, aceso ou apagado, luz ou treva, ruído ou silêncio. Combinando seqüências de oposições, é possível não só construir uma representação complexa do mundo que nos cerca, desde um quadro de Renoir a uma sinfonia de Beethoven, mas, o que é mais importante, transmitir essas representações de um lugar para outro por qualquer meio disponível de transmissão, teoricamente desde sinais de

fumaça ou rufar de tambores, até ondas de rádio, cabos telefônicos ou fibras óticas. Por se tratar de transmissão de dígitos binários, unidades mínimas e indivisíveis, não há possibilidade de distorção; a imagem de chegada é sempre rigorosamente igual à imagem de partida, a cópia é sempre igual ao original, ainda que intermediada por inúmeras outras cópias.

Uma maneira de melhor entender o bit como unidade indivisível é compará-lo a uma unidade divisível, como o átomo, por exemplo. O átomo, embora ironicamente tenha o significado de indivisível, é na realidade composto de outras unidades, que por sua vez são ainda compostas de unidades menores. As diferenças entre os objetos feitos de átomos e os feitos de bits são cruciais para se entender o papel da tecnologia na globalização. Partindo da idéia inicial de Negroponte (1995), podemos destacar, entre outras, as seguintes diferenças (Tabela 1):

Os objetos feitos de átomos são tangíveis. Podem ser tocados, olhados, escutados, cheirados e muitas vezes até degustados. Tem uma presença física marcante, com características de peso, densidade, cor, etc., fazendo parte do mundo real que nos cerca. Os bits, por outro lado, fazem parte de um mundo digital, virtual e desmaterializado, que podem simular o mundo real, mas que na verdade não têm suas características.

Tabela 1 — Diferenças entre átomos e bits

Átomos	Bits
--------	------

Tangíveis	Intangíveis
Difíceis de manipular	Fáceis de manipular
Não teletransportáveis	Teletransportáveis
Alto custo	Baixo custo
Não compactáveis	Compactáveis
Com fronteiras	Sem fronteiras
Com limitações de tempo	Sem limitações de tempo
Com limitações geográficas	Sem limitações geográficas
Comunidades tradicionais	Comunidades customizadas

Uma questão importante aqui é o valor atribuído a este mundo virtual, geralmente visto como inferior, falso e indesejável, quando comparado ao mundo real. A questão, no entanto, está mal posta. O mundo virtual não compete com o mundo real; é apenas um mundo que representa outro, a semelhança de nossa mente que representa internamente o mundo externo. Ninguém afirmaria que o conhecimento que temos do mundo seria falso por não ser o próprio mundo. O conhecimento do mundo, construído através de representações, é necessário para a interação entre as pessoas, para conversar e trocar idéias. Sem esse mundo representado, que é a base da linguagem, não teríamos nem condições de existir como seres humanos.

Guardadas as proporções, podemos dizer que o mundo virtual dos bits simula o processo de representação do mundo em nossa mente. Podemos até afirmar que o software, o programa de computador, está para o hardware, o circuito integrado do equipamento, assim como a mente está para o cérebro (Rebollo, 1998). O mundo virtual é também feito de representações simbólicas, mas isso, em vez de ser uma desvantagem, representa na verdade

inúmeras vantagens, entre as quais podemos enumerar as seguintes:

O objetos constituídos de átomos, justamente por suas características físicas, são mais difíceis de serem manipulados. Acomodar um piano numa sala, dar um nó em uma gravata ou estacionar um carro numa ladeira movimentada podem exigir níveis elevados de habilidade motora ou de esforço físico que nem todas as pessoas possuem.

Os átomos são mais difíceis de serem transportados. Mover um piano de cauda de um canto a outro da sala já pode ser uma tarefa extenuante, mas é ainda mais difícil levá-lo de um prédio a outro, descendo e subindo escadas. Se for necessário transportá-lo para um outro país, haverá problemas de alfândega e burocracia, gastos de transporte e tempo, que pode, em alguns casos, chegar a várias semanas. O teletransporte de objetos constituídos de átomos, ou mesmo sua compactação, que permitisse, por exemplo, reduzir em dez ou cem vezes o peso e o tamanho de um objeto, ainda pertence, como se sabe, ao mundo da ficção científica.

Quando, no entanto, o concerto produzido pelo pianista no piano for gravado e transformado num arquivo digital, este concerto fica disponível em unidades mínimas de informação, os bits, e pode, portanto, ser facilmente manipulável. Pode ser teletransportado de um lugar para outro sem restrições de alfândega (não há como reter um arquivo digital na fronteira entre um país e outro) e não tem restrições de tempo ou de espaço geográfico (o arquivo é recebido no mesmo momento em que é enviado, independente da distância geográfica entre

um ponto e outro). Além de serem teletransportáveis, os arquivos digitais podem ser compactados e ter seu tamanho reduzido, em alguns casos, em mais de cem vezes — o que torna o custo de armazenagem e transporte ainda mais acessíveis: a prensagem de um CD-ROM, por exemplo, representa um custo inferior a impressão de um livro de 100 páginas, com a capacidade, no entanto, de armazenar o equivalente a 400 livros do mesmo tamanho. O valor do arquivo digital não está no suporte físico que o armazena, mas nos dados armazenados, envolvendo normalmente questões de direitos autorais. É sabido, por exemplo, que esses direitos podem representar dez, cem e, em alguns casos, até mil vezes, o custo do material usado para armazenar o próprio arquivo. O caso abaixo, relatado por Negroponte (1995) é apenas um exemplo:

Recentemente, visitei o quartel-general de uma das cinco maiores empresas americanas fabricantes de circuitos integrados. Pediram-me que assinasse um registro de entrada e me perguntaram se eu trazia comigo um laptop. É claro que sim. A recepcionista perguntou-me o modelo, o número de série e o valor do aparelho. "Alguma coisa entre 1 e 2 milhões de dólares", respondi. "Mas isso não pode ser, senhor", replicou ela. "Como assim? Deixe-me vê-lo". Mostrei a ela meu velho PowerBook, cujo valor ela estimou em 2 mil dólares. Registrou então a soma, e eu pude entrar na empresa. A questão é que, embora os átomos não valessem tudo aquilo, os bits tinham um valor quase inestimável (Negroponte, 1995, p. 17).

Mas a maior diferença entre átomos e bits pode estar na concepção de comunidade.

Tradicionalmente, a comunidade tem sido marcada pela diversidade de seus membros e pela uniformidade geográfica: o mesmo espaço habitado por indivíduos diferentes, desde os que são totalmente aceitos até os rejeitados (esmoleiros, deficientes, pessoas de outras religiões, etc.). Ainda que rejeitados, esses indivíduos não são necessariamente excluídos. Nas

comunidades menores, que têm uma tendência a se mostrarem mais intolerantes com as minorias, esses enfeitados podem ser até vítimas da chacota geral, mas mesmo assim, ou justamente por isso, fazem parte da comunidade. Partindo das idéias de Freire (1983), poderíamos talvez dizer que essas minorias estão *na* mas não *com a* comunidade.

No mundo dos bits, há uma reversão: o que era uniforme passa a ser diversificado e vice-versa. Assim, a uniformidade geográfica é substituída pela diversidade de um mundo sem fronteiras e a comunidade tradicional, diversificada, é substituída pela comunidade digital, customizada, isto é, feita sob medida para atender aos interesses de cada um de seus membros. Exemplos dessas comunidades podem ser os colecionadores de selos, os aficionados de um determinado esporte, os fabricantes de um determinado produto, etc. — na linha do que Swales (1990) chama de *comunidade discursiva*.

## CONCLUSÃO

O processo da globalização, por envolver ingredientes econômicos, ideológicos e tecnológicos, combinados de várias maneiras em diferentes porcentagens, pode produzir diferentes resultados, desde uma visão homogeneizante do mundo, formado de uma única comunidade, até a visão diversificante, de um mosaico, formado de inúmeras comunidades. Na visão homogeneizante, a globalização contribui para o aniquilamento das identidades individuais e nacionais, através de uma interação malévola de seus componentes: a ideologia por privilegiar a economia de livre mercado, a tecnologia por ampliar o poder de

ação da economia globalizada e a economia por privilegiar a uniformização do mundo em prejuízo da diversidade cultural. Para complicar ainda mais a questão, há o problema lingüístico, com a predominância da língua inglesa. O uso quase exclusivo dessa língua, segundo muitos críticos, tende a uniformizar o mundo não pela fusão das diferentes identidades nacionais, mas pela imposição de uma língua e de uma cultura únicas.

Na visão diversificante, o que ocorre é a substituição das comunidades tradicionais, baseadas nas dimensões geográficas, pelas comunidades digitais, baseadas nas dimensões ocupacionais. O indivíduo deixa de ser obrigado a pertencer à comunidade geográfica em que mora, para pertencer à comunidade de sua escolha, de acordo com seus interesses. A interação não se dá por representação, mas pela participação direta do próprio indivíduo.

O que é difícil de responder é se o indivíduo, nesta transposição de comunidades, perde sua identidade, entrando num estado de anomia, ou se evolui para uma nova identidade, aparentemente, mais rica, mais interativa, com muito mais opções.

As reflexões feitas aqui sugerem o caminho da evolução. Entende-se que a idéia da mudança de identidade é às vezes apresentada numa perspectiva negativa, de alguém que é falso e que não tem personalidade, mas argumenta-se que isso não é necessariamente verdade. Grandes cientistas revisam suas teorias ao longo dos anos. Os personagens mais interessantes de muitos livros são aqueles que mudam durante a história. A própria educação e a aprendizagem estão baseadas no pressuposto de que as pessoas são capazes de se adaptar às

novas circunstâncias, e conseqüentemente de mudar — tanto elas próprias como o mundo que as cerca.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDOT, Jacques. Conditions for social progress. Relatório apresentado no *Social Summit in Copenhagen*. Copenhagen, 1997.
- FÉAL, Karla Déjan Le. Pour une Europe Multilingue... Mais Laquelle? *Le Français Dans le Monde*, n. 245, p. 25-26, nov.-dez. 1991.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GOUIN, Jean-Luc. Du Québec - Lettre a une Helvétè. *L'Action Nationale*. n. 5, p. 35-45, mai. 1997.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. Tradução do original em inglês por Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PENNA, Maura. Dois padrões culturais brasileiros de atos de fala de atribuição de identidade social. Trabalho apresentado no *V Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada*, Porto Alegre, 1998.
- REBOLLO, Alberto A. *El abecé de la psicolingüística*. Madrid: Arco Libros, S.L., 1998.
- Swales, John M. *Genre analysis; English in academic and research settings*. Cambridge: University Press, 1990.
- JANKOV, Fernanda F. Fernandez. Why can they speak and cannot talk? *New Routes in ELT*. São Paulo: DISAL S.A. p. 30-32, March 22, 1999.
- RIBEIRO, Renato Janine. Globalização: o engodo em humanas. *Jornal da Ciência*. Rio de Janeiro, SBPC, p. 10, 2 de abril de 1999.
- Takahashi, J.. Kokusai Kaigi-ni Miru Nihonjin-no Ibunka Koushou. In J. Takahashi et al. (Eds.), *Ibunka-eno Sutoratejii*.(pp.181-201). Tokyo: Kawashima Shoten, 1991.